

DOSSIÊ - ENTREVISTA

Eliane Potiguara/Divulgação



Prof^a. Eliane Potiguara

Formada em Letras e Educação, já foi nomeada Embaixadora Universal da Paz em Genebra e participou da elaboração da Declaração Universal dos Povos Indígenas (ONU), fundadora da Rede Grumín de Mulheres Indígenas, e uma das 52 brasileiras indicadas para o projeto internacional Mil Mulheres e para o Prêmio Nobel da Paz.

“A escola pode contribuir com a formação do “estudante-leitor” adquirindo livros diferenciados e de culturas diferenciadas, além dos livros específicos à cultura do lugar de fala e leitura.”

1. Bruna Paiva de Lucena (BPL) – “Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e das secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra”. (Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 28). Nesse trecho, a personagem de Conceição Evaristo fala da (des)importância da leitura em sua vida. Como você se tornou uma leitora? Qual seu percurso como leitora? Se possível, cite obras e autoras/es que marcaram sua trajetória como leitora.

Eliane Potiguara – Eu me tornei uma leitora, primeiramente lendo as cartas de minha avó. Toda minha família indígena foi imigrante dos estados da Paraíba e Pernambuco para o Rio de Janeiro. Meu bisavô, Chico Solón de Souza, um índio potiguara foi brutalmente desaparecido por volta de 1920. Naquela época, os indígenas eram transformados em mão de obra semiescrava para trabalhar no plantio do algodão administrados pelos neocolonizadores ingleses que se instalaram nos arredores de Rio Tinto, no estado da Paraíba. Os indígenas que não aceitassem esse tipo de investimento eram assassinados e desaparecidos. E suas famílias eram perseguidas, e para não sofrerem violência emigraram da Paraíba fugindo do holocausto.

Assim, minha família se estabeleceu inicialmente nas ruas do Rio de Janeiro, e depois foi morar no Morro da Providência, Central do Brasil e na Rua General Pedra nº 263, zona do Mangue, onde viviam as prostitutas e os imigrantes da 2ª guerra mundial, os bananeiros, carvoeiros e gente muito pobre e sofrida. Depois fomos morar no Morro de Cavalcante, numa espécie de sítio onde de tudo plantávamos, e minha avó era a matriarca responsável pelo repasse dos seus conhecimentos tradicionais desde a alimentação, as curas até a contação de histórias.

Não só aprendi a ler suas cartas sofridas para sua terra natal, como escrevia as respostas, pois vovó não sabia ler nem escrever e eu já com sete anos era a pequena leitora e escritora baseada nas lágrimas de sofrimento daquela senhora cheia de sabedoria da etnia indígena potiguara.

Ao longo de minha infância, adolescência e juventude fui uma

sempre leitora dos lábios de vovó que nada me escondeu sobre as lendas, as histórias e sua oralidade me tornava uma conhecedora da cultura de meu povo indígena. Ao lado disso, lia livros, incentivada pela minha família e pela escola onde estudava. Elas avós, mães, tias e primas todas analfabetas me incentivavam ao estudo para que eu me tornasse uma professora, o sonho delas. E me tornei, apoiada por elas, que eram proletárias numa terra tão estranha e diferente de sua cultura. Vovó vendeu bananas durante anos até a minha formação como professora primária, e eu sofri muita discriminação na escola e nas ruas porque ela era uma indígena, uma mulher diferente, objeto de risos e racismo. Assim me tornei professora. E nesse período li centenas de livros que me ajudaram a compreender porque vovó tanto sofria e chorava a distância de sua terra natal e a perda de suas terras nativas. Em todo esse período de minha vida, minha avó foi minha curandeira. Me curou de um tumor no olho e no bico do peito com folha de couve e uma mistura de michoca, visgo de jaca e teia de aranha. Hoje a indústria farmacêutica transformou essa mistura em medicina alopatia, ganhando rios de dinheiro. Sempre foi assim, nossa cultura indígena sofria aculturação ao mesmo tempo em que usurpavam o conhecimento tradicional de nossos velhos e velhas. Mamãe era grande conhecedora de ervas e titia fazia lindas artes com miçangas. O livro que me influenciou foi o “livro da oralidade” da minha família indígena. Mais tarde outros livros me influenciaram como José de Alencar, Machado de Assis, Gabriel Garcia Marquez, Fernando Pessoa, Ester Pinkola e muito outros e outras.

2. BPL – Anunciando a potencialidade da leitura na vida, Mário Quintana diz que “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Considerando isso, como a literatura influenciou na sua forma de ver o mundo, sua trajetória, formação e/ou atuação profissional? Se possível, cite o que você aprendeu, ou desaprendeu, com os livros que leu.

Eliane - Quando eu tinha 14 anos, venci um concurso literário no Ginásio onde estudava, Ginásio Progresso em Cascadura-RJ. A escola tinha mais de 700 alunos e eu era a vencedora. Qual foi minha tristeza? Por eu morar no interior, uma roça, um morro, o Morro de Cavalcante, os editores se desculparam por não poder me entregar minha coleção de livros, porque era muito longe e íngreme a minha casa. Foi uma decepção. Ai comecei a visitar as bibliotecas. Eram dois ou três livros por semana. A leitura era a minha vida. Eu caminhava uma hora e meia da minha casa à escola (ida e volta). Então, comecei a produzir uns artesanatos para levantar dinheiro para pagar a minha passagem de ônibus. Nos ônibus, fazia da viagem uma aula de leitura.

3. BPL – Ler implica, muitas vezes, traçar similitudes e diferenças entre o lido, o observado e o vivido pelo/a leitor/a, sendo a experiência pessoal e afetiva com o texto um dos elementos levados em conta por escritores/as e formadores/as de leitores/as, seja na escrita ou escolha de um texto. Levando em conta isso, como você acha que a escola e o/a professor/a podem contribuir para a formação efetiva do/a estudante leitor/a?

“Se a escola promove boa leitura, os alunos receberão boa educação. Assim se constrói um país.”

Eliane - A escola pode contribuir com a formação do “estudante-leitor” adquirindo livros diferenciados e de culturas diferenciadas, além dos livros específicos à cultura do lugar de fala e leitura. Mas, para isso, o governo precisa apoiar ações como políticas públicas para escolas, promovendo o incentivo à leitura oferecendo livros para as escolas e que esses livros possam chegar às crianças, jovens, adultos e pais de alunos de forma concreta e constante. E que os professores sejam incentivados para tal. Para as escolas indígenas a educação deve ser diferenciada e que a língua étnica utilizada por aquele povo seja respeitada e utilizada. Para isso, professores indígenas devem ser incentivados e valorizados no processo de uma educação voltada para a realidade daquela etnia indígena. A escola e o professor são os maiores protagonistas na formação do educando. Se a escola promove boa leitura, os alunos receberão boa educação. Assim se constrói um país.

4. BPL – Uma das bases do projeto Mulheres Inspiradoras é a leitura de obras de autoria de mulheres, sendo você uma das autoras que compõe esse acervo destinado a escolas públicas do DF. Para você, qual a importância de se ler mulheres, em especial indígenas, na sala de aula? Quais são os desafios específicos enfrentados por você para se tornar uma mulher indígena escritora? Qual sua relação com o mercado editorial?

Eliane - O Brasil desconhece totalmente a cultura indígena, apesar da maioria do povo brasileiro ter sangue indígena, pois somos um país miscigenado. Quem não sabe um costume indígena utilizado em sua residência, como dormir e descansar em rede, comer beiju (tapioca), tomar banho diariamente, tomar chá para dor de barriga, por exemplo? As crianças e jovens vibram quando vou a uma escola contar histórias de nossos povos, de nossas origens de vida. Eles viajam num mundo mágico onde comungam espírito, razão e vida vivida. Eles sentem-se contemplados em suas dúvidas sobre etnias, sobre racismo, sobre história, sobre respeito, humanidade e amor. Entendem que a valorização dos anciãos é vital para a ética presente e a futura. E que a vida precisa ser vivida com dignidade. E as meninas entendem seu lugar de fala, contra o machismo e a violência. Os meninos passam a compreender melhor seu papel na humanidade.

Os desafios que enfrentei, e ainda enfrento, é o machismo, o autoritarismo masculino sobre a minha criação literária. Por isso mulheres devem criar suas editoras e se tornar protagonistas de sua criação literária. Por outro lado, o mercado editorial também contempla mais o número de escritores do que escritoras. E o mercado financeiro editorial ainda é um negócio vantajoso para o editor, e não para o criador da arte, o escritor, a escritora. Se mais mulheres fincarem pé na criação de um editorial feminino, as mulheres estarão aumentando o empreendedorismo neste setor.

No entanto, como indígena, e mulher, observo o distanciamento que o mercado editorial nos trata, tanto por gênero quanto pela etnia. O mercado quer vender. Nós, mulheres indígenas, queremos chegar às escolas e ao mais sagrado lugar da mente e alma das crianças e jovens brasileiras que precisam urgentemente saber quem somos, o que queremos e para onde vamos, objetivando construir um mundo mais justo e igualitário. Um mundo ético, sem corrupções. E isso não é utopia. ■